

# MEMÓRIAS E CIDADES: O IMPACTO DA VIOLÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA NAS CIDADES<sup>1</sup>

Ixchel Luna Lara<sup>2</sup>

## Resumo

Nos últimos anos Honduras tem experimentado uma onda de violência nas zonas tanto urbanas como rurais. A taxa de homicídios subiu exponencialmente da década de 90 até o ano 2014, colocando-o como um dos países mais violentos do mundo sem ter uma guerra ativa. A violência se tornou parte de nosso viver. Por isso, este artigo tem como finalidade fazer uma reflexão da violência, e sobre como ela faz parte do jeito em que fabricamos lembranças nas nossas cidades. Partimos de uma experiência pessoal e nos mobilizamos a uma revisão bibliográfica que nos ajudará a compreender a situação atual que vive Honduras e como os cidadãos estão sendo afetados.

## Abstract

In recent years Honduras has experienced a wave of violence in urban and rural cities. The murder rate has risen exponentially since the 1990s up to 2014, placing it as the most violent country in the world without having some active warfare. It is no secret that violence has become part of our living. Therefore, this article aims to reflect on violence, and how violence plays a role in the way in which we manufacture memories in our cities. We start from a personal experience and move on to a bibliographical review that will help us understand the current situation Honduras lives in and how its citizens are being affected.

---

<sup>1</sup> Artigo realizado para disciplina de Cidade, Memória, Patrimônio e Cidadania, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Cristina Dadalto, no Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: ixlunalara@gmail.com

## **As cidades: mais que janelas, ruas e paredes.**

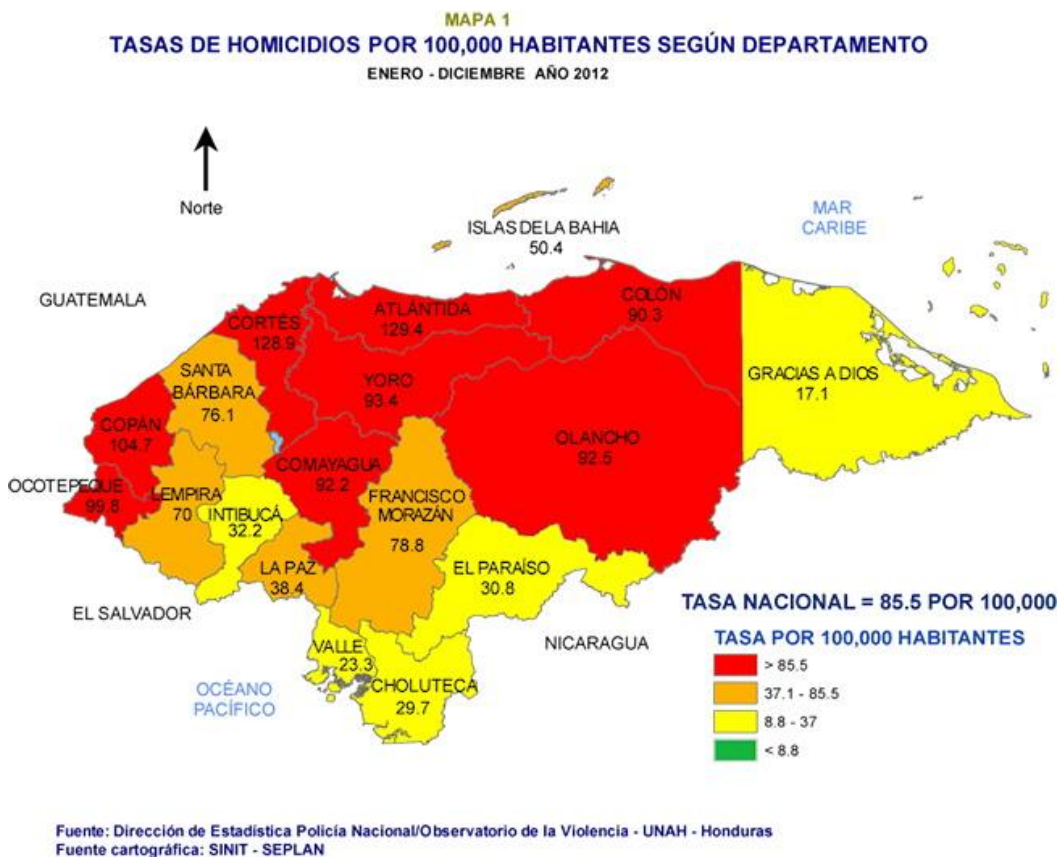
As cidades aparentam serem apenas paredes, janelas e ruas, mas sempre contêm mais do que podemos ver. As cidades são reflexos de suas próprias sociedades, elas estão cheias de significados, memórias e lembranças. Não é só a estrutura da cidade, mas os seus moradores são parte do fluxo e da imagem destas cidades. A cidade pode nos dizer mais sobre sua sociedade através de sua arquitetura, o trânsito, o fluxo de pessoas, os mercados, as praças. Kevin Lynch, em sua obra *A imagem da cidade*, expressa:

**A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura (LYNCH, 1999, p.2).**

Então, de acordo o autor, a cidade sempre está se modificando. A cidade parte de um modelo: sua imagem e “legibilidade” são tão importantes assim como as coisas a que sucedem. Portanto, como Kevin Lynch afirma em sua obra, é importante analisar as imagens de nossas cidades em profundidade para explorar os diversos componentes que deixamos de lado quando só a percebemos em uma olhada rápida. Nas últimas décadas a violência tem sido parte de nosso viver, portanto afetam a maneira como nos lembramos das imagens das cidades nas quais moramos ou que visitamos. O presente trabalho traz como foco os diferentes aspectos em que a violência nos afeta para construir nossa memória de uma cidade. Para tal, a metodologia deste artigo é de pesquisa bibliográfica acompanhada de relatos pessoais.

Na minha vida, eu vivi em cinco cidades diferentes: Tegucigalpa (Honduras), minha cidade natal; San José (Costa Rica); Caldwell (Idaho) e St. Louis (Missouri), nos Estados Unidos; e finalmente Vitória. Apesar de Tegucigalpa e San Jose se localizarem em diferentes países, são cidades que compartilham semelhanças em estruturas, estradas, edifícios e até mesmo a maneira como as pessoas interagem andando pela cidade. Pode-se dizer que as duas cidades são desorganizadas e

carecem de planejamento. As ruas não são largas, há lixo por todas as partes e, sobretudo, superlotação. No entanto, assim como em outras partes da América Latina, este é o resultado do crescimento da cidade com estruturação e investimento privado. Ambas as cidades nos Estados Unidos são diferentes. Caldwell é pequena e fica a 40 minutos da capital do estado, e St. Louis é uma grande cidade independente do país. Sem embargo, vamos falar do caso de Tegucigalpa como reflexão da insegurança que os habitantes estão vivendo atualmente.



**Mapa 1** Mostra o mapa do Honduras e as suas divisões políticas e taxas de homicídio por departamento.

De acordo com o Mapa 1, podemos observar que as áreas mais afetadas pelos homicídios e pela violência são os departamentos da zona norte do país. Especialmente os departamentos com limitações de fronteiras aquáticas ou terrestres. As cidades mais afetadas dentro destes departamentos são as cidades de Tegucigalpa, do departamento de Francisco Morazán, e a cidade de San Pedro Sula, no departamento de Cortés. Assim como outras cidades da América Latina, como Colômbia, México, Guatemala, Brasil, El Salvador ou Venezuela. Honduras está atravessando uma época de extrema violência. De acordo com a pesquisa do Observatorio de Violencia da Universidade Nacional de Honduras (UNAH), realizada

no ano de 1996, o maior problema da Honduras até naquela época era a delinquência. (RUBIO, 2002,p.2).

No caso de Tegucigalpa, mudanças e planejamentos ocorrem apenas numa certa parte da cidade. No entanto, essas reformas fizeram com que a cidade convivesse com superlotação e mais desigualdade social. A arquitetura da capital de Honduras é moldada e afetada pelas montanhas. Nos últimos anos, Tegucigalpa foi considerada uma das cidades mais perigosas do mundo. Temos dois tipos de criminalidade: o crime comum e o crime organizado. No primeiro, temos roubo, assalto, pequenos ataques contra pessoas, ataques contra propriedades públicas e privadas. O crime organizado está ligado a mais tipos de atividades de armazenamento, transporte, distribuição e consumo de droga (CEDOH, 2012, p.2).

De acordo com um dos periódicos mais reconhecidos do país, a criminalidade deixou 46,450 mortes nos últimos 11 anos. Além disso, de acordo com a [... Organização Mundial de Saúde (OMS), o padrão é de 9 homicídios por 100 mil habitantes; no entanto, a taxa em Honduras alcançou o patamar de 86,5 mortes por 100 mil habitantes..."]. Para o ano 2011, 19,46 vítimas violentas por dia registradas, e uma vítima foi reportada a cada 74 minutos no mesmo ano. (LA PRENSA). Com toda a insegurança que se vive no país, as pessoas têm medo de andar, têm medo sair de suas casas, têm medo de conviver com outros cidadãos.

Os habitantes estão construindo muros, espaços onde eles possam se sentir seguros. De acordo com isto, podemos trazer a conversa de Teresa Pires de Rio Caldeira. Em seu texto Cidade de Muros: Crime, segregação e Cidadania em São Paulo, a autora fala como o crime faz mudanças na sociedade que afetam o fluxo da cidade e mostra em que medida a distribuição da riqueza, padrões sociais, civilidade e democracia foram afetados. O estilo de vida das classes média e alta e até pobre mudou e, como resultado da violência, isto afetou tanto o mercado de apartamentos, os distritos e o fluxo de pessoas.

Rapidamente nossas cidades estão se transformando em sociedades de temor. A insegurança no país é produto do fracasso da polícia e da justiça. A taxa de homicídios aumentou exponencialmente na última década e foi considerada a mais alta no ano 2013.

**Os responsáveis por assassinatos e outros crimes violentos raramente são levados à justiça. O desempenho das instituições responsáveis pela segurança pública continua sendo em grande parte ineficazes e tem sido associado com inúmeras acusações de corrupção e abuso, enquanto iniciativas que buscam reformar essas forças não fizeram progressos significativos. (HUMAN RIGHTS WATCH, 2014).**

Estamos experimentando uma onda de violência contra jornalistas, defensores de direitos humanos, advogados em favor da justiça e demais cidadãos. A melhor proteção que as pessoas têm é construir uma fortificação. As casas têm grades nas janelas e mais portas, as pessoas moram com mais medo. Ecléa Bosi estuda as lembranças dos velhos nas cidades, mas o que ela argumenta pode ser aplicado aos cidadãos em geral. Ela diz que “dessa maneira, as lembranças por outra ‘história’, que rouba das primeiras memórias o sentido, a transparência e a verdade” (1987, p.19). As lembranças que uma pessoa poderia estar experimentando andando pelas ruas coloniais, visitando a Igreja Los Dolores construída em 1735 ou conhecendo uns dos primeiros bairros são muitas vezes suprimidas, a memória é suprimida pela violência. O constante pensamento de insegurança sufoca as lembranças (BOSI, 1987, p.19).

Além disso, temos Antônio Riserio que, em sua obra *A cidade no Brasil*, fala que a violência tem assumido grande importância na sociedade de hoje. O autor fala que [... somos todos especialistas em segurança...] (RISERIO, 2012, p. 302). Temos, então, uma cultura de medo, uma cultura que assim como nas cidades do Brasil, está acontecendo lá em Tegucigalpa, Honduras. Contudo, a violência sempre tem existido em nossa história, disse o autor, mas o que não existia era uma onipresença do medo. O autor fala que isto acontece no final do século XX para o XXI. De acordo com o CODEH, e seguindo a linha do autor, fenômeno da violência é relativamente novo na Honduras, pelo menos pelo o que podemos analisar das taxas altas de homicídios por 100 mil habitantes e as estatísticas das vítimas e feridos que constantemente vão para hospitais públicos e privados no país (CEDOH, p.3).

No entanto, outro problema que enfrentamos com a insegurança é o crime, que tem causado a segregação espacial. Os ricos com um circuito fechado, reduzido,

privatizado, enquanto a classe média e os pobres estão mais expostos ao crime. Em Honduras isto é muito evidente, a zona leste da capital é a zona rica e a zona oeste é a zona pobre. Em termos de estrutura, a zona oeste está muito deteriorada, suja, destruída. A zona leste fica limpa, com segurança e com novas construções (negócios, lojas, prédios). Ismael Moreno diz:

**Violência em Honduras tem raízes antigas. A maioria das raízes novas e grossas vindo ocorrendo no passados 30 anos. A acumulação de riqueza e de recursos em poucas mãos, acumulação de terras em aquelas mãos e acumulação de poder nas instituições do Estado em mãos das mesmas pessoas tem gerado uma violência que hoje parece incontrolável. (MORENO, 2012, p.1)**

Os ricos manipulam os recursos, podem se proteger da violência porque podem contratar segurança privada; no entanto, a classe média e os pobres dependem da segurança pública. Quando eu falo que a violência está ajudando a formar a memória das pessoas, falo pela experiência própria. Sempre que eu quero voltar para o meu país, a primeira coisa que meus amigos vão a falar é “faz favor e tem cuidado”. No momento que eu chego ao aeroporto, na minha casa, eu posso sentir meu próprio medo. Pode sair andando pelas ruas ou viajando. Ninguém escapa da violência e do medo que produz. Minha mãe sempre fala "Você sabe que vai sair de casa, mas ninguém pode garantir que você vai voltar". Nossas casas a cada dia se voltam ainda mais fortificadas, muros mais grossos e maiores. Então, sempre que eu viajo para o meu país, com a ideia de fazer memórias com a minha família, há uma parte de mim que sempre tem que estar preocupada com a segurança.

O autor Lynch fala de um muro da cidade: o enclave fortificado que enfatizava a estratificação social e a falta da segurança. Os novos sistemas de segurança são um reflexo do que a sociedade se tornou. Esses sistemas de segurança que o autor fala é espaço à acentuação da estratificação social, mas também espaços segregados, exclusão e desconforto.

A fortificação de nossas cidades é o resultado de violência e crime. Com esse movimento, criamos exclusividade e enfatizamos a hierarquia social não só em nossa comunidade, mas também em nosso pensamento e em como armazenar memórias. A memória como dispositivo de armazenamento de lembranças. As

experiências de uma pessoa andando pelas ruas de um bairro pobre a andar pelas ruas de um bairro rico são muito diferentes.

Teresa Pires fala do muro da cidade como um enclave fortificado que enfatiza a estratificação social e a falta da segurança. Os novos sistemas de segurança são o reflexo do que a sociedade tinha se tornado. Os sistemas de segurança criam solo à acentuação da estratificação social, mas também, espaços segregados, exclusão e desconforto. Cada vez que fabricamos novas imagens de nossas cidades, o medo transforma e acentua por onde nos anuíamos, por onde dirigimos. A principal razão é o medo, se podemos evitar o medo se temos bens para evitar o perigo. Mas as pessoas em um estrato menos beneficiado não têm essas oportunidades.

## **CONCLUSÕES**

Anos depois de voltar a uma cidade, você lembra não só as experiências boas, mas também por onde você tem que ter cuidado. A maneira em que nossa memória é afetada pelo medo, insegurança e fortificações transcende um nível simbólico e ideológico. Simbólica no sentido de que a nossa cidade reflete a sociedade em que vivemos e a experiência de seus habitantes para a cidade é afetada, refletindo, assim, na construção da memória e como eles contam histórias.

Como cidadãos têm dever de apoiar mudanças, começando pela reestruturação da presença e da ausência de Estado. Sua presença em reformas urbanas revalidaria a cidade, a segurança e o estabelecimento de leis para manter essa estrutura. Também, tem-se que redefinir a estrutura do núcleo da concentração de riqueza e recursos que tem afinal importância na maneira em que se estrutura a cidade, além de ressaltar o que o autor Antonio Risério indica como a experiência urbana, que acabará por ajudar a moldar nossa memória. A insegurança tem que ser combatida, temos que perguntar qual é a memória que queremos deixar, como a insegurança está formando a opinião das nossas cidades hondurenhas, e qual é a história que vai ser contada. Eu não quero contar a história de como as pessoas simplesmente andam pelas ruas com preocupação deixando de observar as pequenas delicadezas que fazem uma lembrança, uma memória linda de recordar.

## REFERENCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembrança de Velhos. São Paulo. T. A. Queiroz. Ed. 1987.

CALDEIRA, T. P. Do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

CEDOH. El debate conceptual sobre seguridad y sus referentes normativos en Honduras. Tegucigalpa, 2012.

La Prensa. Tegucigalpa agobiada entre la violencia y la vulnerabilidad. Tegucigalpa, 2013. En <http://www.laprensa.hn/honduras/tegucigalpa/390781-98/tegucigalpa-agobiada-entre-la-violencia-y-la-vulnerabilidad> Acceso em.11/13/2014.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RISÉRIO, A. **A cidade no Brasil**. São Paulo: Ed. 34, 2012.

RUBIO, M. La violencia en Honduras y en el Valle de Sula. Tegucigalpa: Banco Interamericano de Desarrollo, 2002. In: <http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=914026> Acceso em: 11/13/2014

VIRILIO, P. **O espaço crítico**. São Paulo: Ed. 34, 2008



Human rights Watch. **Informe Mundial Honduras.** In:  
[http://www.hrw.org/sites/default/files/related\\_material/honduras\\_sp\\_2.pdf](http://www.hrw.org/sites/default/files/related_material/honduras_sp_2.pdf) Acceso  
11/13/2014.